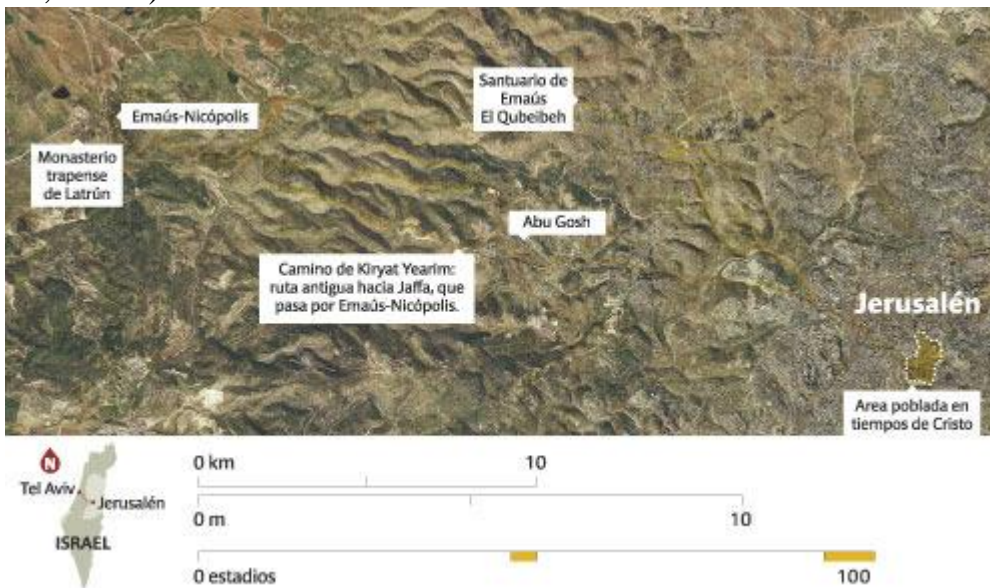


Uma aldeia chamada Emaús

A ressurreição de Cristo, que aconteceu nas primeiras horas do domingo, é um facto que os evangelhos afirmam de modo claro e inequívoco. Além do aparecimento das primeiras testemunhas do sepulcro vazio – as santas mulheres, os apóstolos Pedro e João –, narram diversas aparições de Jesus ressuscitado. Entre elas, a dos discípulos de Emaús, descrita com detalhes comovedores por São Lucas, provocava um especial impacto em São Josemaria.

Conhecemos bem o início do relato: “nesse mesmo dia, dois deles dirigiam-se a uma aldeia chamada Emaús, que distava de Jerusalém sessenta estádios. Iam a conversar entre si de tudo o que tinha acontecido. E, enquanto comentavam e discutiam, o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles, se bem que os seus olhos eram incapazes de o reconhecer” (*Lc* 24, 13-16).



Pelos pormenores que nos são transmitidos por São Lucas, poderia parecer simples localizar a aldeia para onde se dirigiam Cléofas e o outro discípulo. Contudo, ao contrário do que ocorre com muitos lugares da Terra Santa, o passar dos séculos e os acontecimentos da história não têm sido diferentes, de forma que hoje em dia podem identificar-se vários sítios com a povoação de Emaús dos Evangelhos. Alguns merecem maior credibilidade, não só porque gozam do consenso dos estudiosos, mas também por serem atualmente lugares de peregrinação.

“Emaús”: a oeste de Jerusalém

O primeiro coincide com uma cidade a oeste de Jerusalém que aparece com o nome de Emaús no Antigo Testamento: no ano 165 antes de Cristo, o exército selécida de Nicanor e Gorgias, acampado nas proximidades, sofreu uma impressionante derrota às mãos da rebelião judia liderada por Judas Macabeu (cf. 1 *Mac* 3, 38-4, 25). Também ali se construiu uma fortaleza pela mesma época (cf. 1 *Mac* 9, 50), da qual ainda existem vestígios. A sua situação estratégica – no caminho entre a cidade portuária de Jafa e Jerusalém – fez com que os romanos a convertessem num importante núcleo administrativo em meados do século primeiro antes de Cristo. Contudo, como represália por um ataque a uma das suas legiões, foi incendiada e arrasada no século IV a. C. A cidade terá sido reconstruída pelos anos 66-67 da nossa era, já que os historiadores Flávio Josefo e Plínio a enumeram entre as capitais de distrito, e Vespasiano conquistou-a na sua campanha para submeter a revolta dos judeus. Passou então a chamar-se Nicópolis, “cidade da vitória”, nome pelo qual ficou a ser conhecida quando recebeu o título de cidade romana, no ano 223.



Basílica na antiga Nicópolis

Os testemunhos mais antigos que identificam Emaús-Nicópolis com o lugar evangélico remontam ao século III: Eusébio de Cesareia, no *Onomasticon*, elenco de lugares bíblicos elaborado pelo ano 295, afirma que “Emaús, de onde era Cléofas, que é mencionada no Evangelho de Lucas, é hoje em dia Nicópolis, importante cidade da Palestina”; e São Jerónimo, além de confirmar esta tese ao traduzir o livro de Eusébio para latim, transmite-nos que peregrinou no ano de 386 a “Nicópolis, que se chamava antes Emaús, na qual o Senhor, foi reconhecido na fracção do pão, consagrou em igreja a casa de Cléofas” (S. Jerónimo, Epístola CVIII. *Epitaphium Sanctae Paulae*, 8).

Durante a época bizantina, entre os séculos IV e VII, Emaús-Nicópolis contaria com uma população cristã representativa, pois foi sede episcopal. No ano 628, os árabes invadiram a Palestina e conquistaram a cidade, que passou a chamar-se Ammwas. Ainda há notícias de que os habitantes foram evacuados dois anos depois por causa de uma praga, manteve a sua importância como cabeça de distrito durante a dominação islâmica. Em Junho de 1099, foi o último bastião tomado pelos cruzados no seu caminho para Jerusalém; e no século XII,

durante os reinados cristãos, construiu-se uma igreja sobre as ruínas de uma basílica da época bizantina.

Até a essa época, a tradição que situava em Nicópolis a manifestação de Jesus ressuscitado tinha-se mantido apesar de contrastar com um dado fornecido por São Lucas: que Emaús se encontrava a sessenta estádios de Jerusalém, quando a distância de Nicópolis é de cento e sessenta, quer dizer, há uma diferença de vinte quilómetros. Ainda que alguns estudiosos tenham avançado diversas hipóteses para explicar isto, o facto é que a identificação de Nicópolis com Emaús perdeu força, a sua igreja ficou abandonada ao partirem os cruzados e a presença cristã desapareceu da cidade até finais do século XIX. Por iniciativa da beata Mariam de Belém, religiosa carmelita, em 1878, foi comprado o terreno onde estavam as ruínas do templo e recomeçaram as peregrinações. As escavações arqueológicas levadas a cabo em 1880, em 1924 e as que atualmente se realizam puseram a descoberto vestígios das duas basílicas bizantinas e de uma igreja medieval – dos cruzados –, construída com pedras tiradas das ruínas das duas primeiras.

Outro Emaús: a norte de Jerusalém

Outro lugar que poderia corresponder à Emaús dos Evangelhos é a pequena povoação de El Qubeibeh, construída sobre uma fortificação romana antiga chamada Castellum Emmaus, que se encontra à distância exata de sessenta estádios de Jerusalém. Em 1355, os franciscanos que ali chegaram descobriram algumas tradições locais que permitiam identificá-la com a pátria de Cléofas. As primeiras escavações, realizadas em finais do século XVIII, trouxeram à luz restos de uma basílica do tempo dos cruzados que tinha incorporado outro edifício precedente, e também revelaram vestígios de uma aldeia medieval. Em 1902, construiu-se uma igreja de estilo neo-românico integrando as ruínas da anterior, que é a que persiste até hoje.

Na Páscoa de 2008, Bento XVI referiu-se ao facto de que não tenha sido identificada, com absoluta certeza, a Emaús que aparece no Evangelho: “existem várias hipóteses, e isto é sugestivo, porque nos deixa pensar que Emaús representa na realidade todos os lugares: o caminho que nos conduz é o caminho de todos os cristãos, aliás, de todos os homens. Nos nossos caminhos Jesus ressuscitado faz-se companheiro de viagem, para reavivar nos nossos corações o calor da fé e da esperança e o partir o pão da vida eterna.” (Bento XVI, Angelus, 6-IV-2008).

“Tam os dois discípulos de Emaús.

O seu caminhar era normal, como o de tantas outras pessoas que transitavam por aquelas paragens. E aí, com naturalidade, aparece-lhes Jesus e vai com eles, com uma conversa que diminui a fadiga. Imagino a cena: já bem adiantada a tarde, sopra uma brisa suave; de um lado e de outro, campos semeados de trigo já crescido e de velhas oliveiras com os ramos prateados pela luz indecisa...” (*Amigos de Deus* n. 313).

A presença do Senhor inspirava uma grande confiança, pois com apenas duas frases provocou a confiança dos discípulos: “compreende a sua dor, penetra no seu coração, comunica-lhes algo da vida que habita n’Ele” (*Cristo que passa*, n. 105). As suas esperanças de que Jesus redimiria Israel tinham terminado com a crucifixão. Ao sair de Jerusalém,

sabiam já que o seu corpo não se encontrava no sepulcro, e que as mulheres afirmavam ter recebido o anúncio da sua ressurreição através de uns anjos; mas não acreditam (Cf. Lc 24, 17-24), estão tristes e titubeantes na fé. “Então Jesus diz-lhes: Insensatos e tardos de coração para acreditar tudo que anunciaram os profetas! Não era preciso que o Cristo padecesse estas coisas e assim entrasse na sua glória? E começando por Moisés e por todos os Profetas interpretou-lhes em todas as Escrituras o que se referia a ele” (Lc 24, 25- 27).



A ceia de Emaús, de Matthias Stom no Museo Thyssen-Bornemisza

Que conversa seria aquela! Mas “termina o trajeto ao chegar à aldeia e aqueles dois que - sem o saberem - tinham sido feridos no fundo do coração pela palavra e pelo amor do Deus feito homem, têm pena de que

Ele se vá embora. Porque Jesus despede-se *como quem vai para mais longe* (*Amigos de Deus*, n. 314). Contudo, “os dois discípulos detêm-no, e quase o forçam a ficar com eles” (*Cristo que passa*, n. 105). Pedem-lhe:

“mane nobiscum, quoniam advesperascit, et inclinata est iam dies” (Lc 24, 29); fica conosco, porque sem ti se nos faz noite. Jesus fica, “e quando estavam juntos à mesa tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e deu-lhos. Então os seus olhos abriram-se e reconheceram-no, mas ele desapareceu da sua presença. E disseram um ao outro: “Não é verdade que o nosso coração ardia dentro de nós, enquanto nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” (Lc 24, 30-32).

Comentando esta passagem, S. Josemaria aplicava-a também ao apostolado daqueles cristãos que, no meio do mundo, são chamados a tornar presente Cristo em todos os lugares onde se desenvolvem as tarefas dos homens (cf. *Cristo que passa*, n. 105).

“Nonne cor nostrum ardens erat in nobis, dum loqueretur in via? – Não é verdade que sentíamos abraçar-se-nos o nosso coração, quando nos falava no caminho? Se és apóstolo, estas palavras dos discípulos de Emaús deviam sair espontaneamente dos lábios dos teus companheiros de profissão, depois de te encontrarem a ti no caminho da vida” (*Caminho*, n. 917).

O Senhor quis aparecer a Cléofas e ao seu companheiro de um modo vulgar, como um viajante mais, sem se fazer reconhecer imediatamente. Como nos trinta anos de vida oculta de Jesus Cristo.

A reação dos discípulos de Emaús, que se levantaram logo e regressaram a Jerusalém (cfr. Lc 24, 33), também se apresenta como uma lição para todos os homens: “Abrem-se os nossos olhos como os de Cléofas e seu companheiro, quando Cristo parte o pão; e ainda que Ele volte a desaparecer da nossa vista, seremos também capazes de empreender de novo a marcha – anoitece –, para falar d’Ele aos outros, porque tanta alegria não cabe num só peito.

Caminho de Emaús. O nosso Deus encheu este nome de doçura. E Emaús é o mundo inteiro, porque Nosso Senhor abriu os caminhos da terra” (Amigos de Deus, n. 314).